

“Antes de um *"novo normal"* é preciso reorientar o presente, com alguma humanidade”

Nos últimos tempos, percebo em mim algum desconforto cada vez que vejo ou ouço o conceito sobre o “novo normal”, que como todos sabem, vem se espalhando demasiadamente pelas redes sociais, em matérias de jornais, invadindo o *linkedin* e exposto aos quatro cantos por pessoas que se intitularam especialistas na visão de futuro ou curiosos em tendências, ou até mesmo gente que acredita na visão positiva do impacto social.

Não que eu menospreze totalmente o conceito e sua discussão, mas é preciso sair da bolha dos conceitos inovadores e olhar para o presente e seus problemas marcantes, inclusive do ponto de vista de impacto social.

Discutir um “normal”, ou uma ideia de padrão para as coisas no futuro, que certamente se modificará, é algo que me soa arrogante, e por vezes vejo uma certa exploração do conceito, pelas mesmas pessoas que relativizam os acontecimentos sórdidos do presente ou não se posicionam sobre temas de grande necessidade, como a desigualdade já existente, como o negacionismo de algumas pessoas à ciência ou o descaso do estado frente à essas complexidades fruto ou não da pandemia, como a “normalização” da falta de decoro de quem representa os interesses do povo, e que deveria respeitar e legislar para todos, independentemente de sua religião ou ateísmo, sua orientação sexual ou qualquer diferença. Vivemos uma confusão do entendimento sobre liberdade de expressão e respeito, e volta e meia nos deparamos com atrocidades verbais, muitas vezes faladas por pessoas que deveriam dar o exemplo de compreensão das diferenças humanas. Uma verdadeira crise ética, escancarada.

Se há alguma pretensão de se pensar em normalidade, que a gente comece por aqui, por essa compreensão das diferenças inumeráveis, pela negação e “normalização” do ódio descabido e ofensivo, que vem adotando forma padrão de se expressar. Há uma diferença enorme entre opinião e ofensa.

Não há como, novamente, normalizarmos o futuro a partir do olhar de apenas alguns, talvez privilegiados, como nós. Se o ponto de vista de “novo normal” para você, indica como usaremos as novas tecnologias, como iremos no cinema, no teatro, como viajaremos, como trabalharemos nos ambientes formais, se será home office ou se iremos duas vezes por semana no escritório, isso não é novo normal. Isso é privilégio.

Para que não haja confusão de entendimento, eu sou defensor árduo do isolamento social e não o minimizo de forma alguma, reforçando sempre a necessidade de ficar em casa, quando se pode, como alguns de nós podemos. Isso a meu ver, nos aproxima um pouco da empatia. O que digo aqui, é no agora isolamento, no futuro há de se pensar nas questões sociais do agora e não apenas na simplificação conceitual de um futuro-padrão.

No presente, é honesto ver a postura de alguns pouquíssimos empresários, criando movimentos contrários a demissão de funcionários e se ocupando de entender que suas fortunas até poderão ter algum comprometimento, encolher um pouco ou muito talvez, mas não os levará à bancarrota. Por outro lado, é atroz ver alguns especuladores usarem a base de suas empresas se voltando contra à ciência, às orientações internacionais de saúde, ameaçando-os com demissão, uma vez que poderiam garantir recursos a estes, por longo tempo, apenas diminuindo um pouco de suas condições bilionárias.



“**Antes de um "novo normal" é preciso reorientar o presente, com alguma humanidade**”

Esse último cenário, por exemplo, deveria estar longe de ser aceito em um “novo normal”.

Ultimamente estamos colecionando lugares no pódio dos desiguais. Um relatório de 2019, divulgado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), nos coloca na sétima posição de país mais desigual do mundo. Esse mesmo relatório destaca que 10% dos mais ricos no Brasil, concentra 41,9% da renda total do país e desses, cerca de 1% dos ricos concentra 28,3% da renda. E há de se pensar em equidade para esse "novo normal" que será ainda mais afetado no pós pandemia. Pensar um novo olhar de futuro, sobretudo, deve refletir essas questões e para além do ponto de vista econômico, rever nosso posicionamento frente ao racismo estrutural, igualdade de gênero, liberdade religiosa, direitos LGBTI+ e outras tantas formas de viver no mundo, longe de um único padrão. Com isso, deveremos reorientar a visão de coletividade, as políticas públicas, leis vigentes que favoreçam a sociedade e não os grupos afins. Não há como discutir normalidade, quando estamos longe de discutir as diferenças reais, e quando nos escondemos enquanto sociedade, na agressão disfarçada de liberdade. Se você acredita que os extremamente pobres que se virem, que o Estado não deve os "sustentar", que negro pode ser morto de forma fria, ancorada no racismo como vimos nos EUA, que gay é perversão ou qualquer coisa assim, que apenas a sua religião é a certa, que tudo bem morrerem mais de 250 mil brasileiros frente à pandemia porque tem gente que vai morrer mesmo, saiba que isso não é liberdade de expressão, isso é crime e desumanidade. Para você, não há futuro que o suporte



Ricardo Leme

Diretor executivo e um dos fundadores da WFB

Relações Públicas, especializado em negócios de alto impacto social pela Fundação Dom Cabral. Estuda especialização em gerontologia e interdisciplinaridade. Atuou como executivo de empresas e organizações sociais na gestão de desenvolvimento institucional. É consultor de responsabilidade social.



wfb.org.br



[/walkingfootballbrasil](https://www.youtube.com/walkingfootballbrasil)



[/walkingfootballbrasil](https://www.facebook.com/walkingfootballbrasil)



[/walkingfootballbr](https://www.instagram.com/walkingfootballbr)



**WALKING
FOOTBALL
BRASIL**